

# Francesa e Duas Cidades:

livros franceses e livrarias em São Paulo (1950-1960)



*Os livros amarelos*, de Vincent Van Gogh, 1887, fotografia (detalhe).

## *Fabiana Marchetti*

Doutoranda em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Fapesp. [fabiana.marchetti@usp.br](mailto:fabiana.marchetti@usp.br)

## *Hugo Quinta*

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Assis). Pós-doutorando em Jornalismo e Editoração na Escola de Comunicações e Artes da USP. Bolsista da Fapesp. Autor de *A trajetória de um libertário: Pietro Gori na América do Sul (1898-1902)*. Foz do Iguaçu: Edunila, 2018. [hugoquinta@usp.br](mailto:hugoquinta@usp.br)

## Francesa e Duas Cidades: livros franceses e livrarias em São Paulo (1950-1960)\*

Francesa and Duas Cidades: french books and bookstores in São Paulo (1950-1960)

*Fabiana Marchetti*

*Hugo Quinta*

### RESUMO

Este artigo apresenta e analisa a história da Livraria Francesa e da Livraria Duas Cidades, dois estabelecimentos referenciais para a intelectualidade paulistana na segunda metade do século XX. A primeira, fundada em 1947 pelo casal de imigrantes franceses Paul-Jean e Juliette Monteil; a segunda, em 1954 pelo então dominicano Frei Benevenuto de Santa Cruz. Considerando a relevância de ambas para a história do livro no Brasil, abordamos o comércio livreiro na cidade de São Paulo e seus circuitos intelectuais e culturais durante os anos 1950 e 1960. Depois examinamos as trajetórias da Francesa e da Duas Cidades nesse período, evidenciando como elas contribuíram para a construção da cultura paulistana por meio das importações de livros e revistas francesas. Essas publicações atendiam à demanda de intelectuais e universitários, o que consolidou as duas livrarias como polos importantes de formação intelectual e de sociabilidade na capital paulista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livraria Francesa; Livraria Duas Cidades; importação de livros.

### ABSTRACT

*This article presents and analyzes the history of Livraria Francesa and Livraria Duas Cidades, two landmark establishments for São Paulo intellectuals in the second half of the 20th century. The first one, founded in 1947 by the French immigrant couple Paul-Jean and Juliette Monteil; the second, erected in 1954 by the Dominican Friar Benevenuto de Santa Cruz. Considering the relevance of bookstores for the history of books in Brazil, we approached the book trade in the city of São Paulo and its intellectual and cultural circuits during the 1950s and 1960s. Then we examine the trajectories of Livraria Francesa and Livraria Duas Cidades during this period, demonstrating how they contributed to the construction of São Paulo culture through the imports of French books and magazines. These publications met the demand of intellectuals and university students, which consolidated the two bookstores as important centers of intellectual formation and sociability in the city of São Paulo.*

**KEYWORDS:** Livraria Francesa; Livraria Duas Cidades; importation of books.



Após a Segunda Guerra Mundial, o estado de São Paulo vivenciou um novo contexto de prosperidade para a sua dinâmica econômica e social. Consolidado como um grande centro industrial do país, ele recebeu novos fluxos de capitais oriundos da retomada de relações com os Estados Unidos e os paí-

\* Artigo decorrente das pesquisas de doutorado dos autores, ambas financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

ses europeus do bloco capitalista. A capital do estado, por sua vez, tornou-se um local privilegiado para a realização de investimentos que possibilitaram a sua expansão como uma metrópole no território brasileiro.<sup>1</sup> Esse processo não se limitou ao setor produtivo e às outras atividades de sua estrutura econômica, mas também envolveu reformas urbanas, sociais e culturais que viabilizaram a formação de uma metrópole cultural.<sup>2</sup> Os órgãos governamentais da cidade fomentaram o surgimento de instituições de ensino e pesquisa, assim como o mecenato cultural promoveu grupos de vanguarda teatral, iniciativas na indústria cinematográfica, a criação de museus, entre outras ações que projetaram a cidade para o restante do país<sup>3</sup> e para o mundo.

Essa realidade dinamizou os circuitos de produção, circulação e consumo de livros na capital paulista. Em 1941, São Paulo se apresentava como principal parque gráfico da América Latina, sendo responsável pela produção das edições nacionais que cresceram de forma considerável até o fim da guerra.<sup>4</sup> No decênio seguinte, a indústria gráfica de São Paulo continuou como o principal produtor de impressos no Brasil, ainda que o mercado livreiro nacional tenha tomado novos rumos com a retomada da importação de livros. Nesse período houve grande interesse dos leitores pelos títulos estrangeiros, os quais eram adquiridos pelos livreiros devido à isenção de taxas de importação, o que impulsionou o comércio de livros brasileiro e paulistano.

Dos 194 estabelecimentos que o estado possuía em 1959, 78 encontravam-se na região central da capital durante a década de 1950, período que representou o auge de livrarias no coração da cidade.<sup>5</sup> O número de estabelecimentos crescera em mais de 300% com relação à década anterior, quando o centro da cidade tinha apenas 22 estabelecimentos do gênero.

Abrir uma livraria no centro de São Paulo significava entrar num espaço de desenvolvimento urbano que concentrava atividades ligadas à vida cultural e intelectual da metrópole. Em seu entorno situavam-se diversos órgãos de imprensa, bibliotecas, teatros, galerias de arte e as primeiras sedes do Museu de Arte de São Paulo (Masp) e do Museu de Arte Moderna (MAM). Além destas instituições, destacamos a existência de outros relevantes espaços culturais: as universidades, a exemplo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Universidade de São Paulo; as faculdades como a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e a Faculdade de Filosofia do Largo São Bento; e as escolas de formação em nível secundário e técnico, como a Escola de Comércio do Estado e a Escola Caetano de Campos. Todo esse circuito era movimentado por um público diverso<sup>6</sup> – de grandes mecenas, intelectuais a jovens estudantes – e indicava a necessidade do comércio livreiro para atender um público leitor especializado, o que resultou

<sup>1</sup> Cf. MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970, p. 353.

<sup>2</sup> Cf. ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

<sup>3</sup> Ver *idem*, *ibidem*, p. 61, e MICELLI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 2001, p. 94.

<sup>4</sup> Cf. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil, sua história*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 539 e 540.

<sup>5</sup> Cf. GONÇALVES, Martin Fernando de Araújo. *Cartografia das livrarias do centro de São Paulo (1930-1970)*. Relatório final (Trabalho apresentado ao Programa de Iniciação Científica da Pró-Reitoria da USP, com apoio do Pibic/CNPq) – Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2012, p. 15 e 16 e 50.

<sup>6</sup> Ver GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: formação cultural e sociabilidade em São Paulo (1940-1950)*. São Paulo: Editora Senac, 1998.

no crescimento do número de livrarias no centro da cidade durante os anos 1950.

A expansão dessas instituições de ensino foi um fator positivo para o crescimento do mercado livreiro e editorial, na medida em que ampliava o conjunto de leitores especializados e estimulava o fortalecimento de toda a indústria do livro. São Paulo não apenas possuía o maior parque gráfico do país ao final da primeira metade do século XX<sup>7</sup>, como abrigava “escolas de artes gráficas, fábricas de material tipográfico e de tintas, e já se cogitava o monotipo, possibilitando a conservação de matrizes. Em julho de 1946 já se falava na fundação da ‘Câmara Brasileira do Livro’<sup>8</sup>, e muitos aproveitaram as importações facilitadas pelo governo Dutra (1946-1950) para trazerem livros, papel e máquinas do exterior.

As livrarias Francesa e Duas Cidades estavam entre as mais frequentadas por professores e estudantes universitários leigos e católicos, ou até mesmo por religiosos, no caso do segundo estabelecimento. A consolidação das instituições de ensino superior no tecido social e urbano da cidade acompanhava a lógica de expansão da capital paulista do “centro velho” para o que foi chamado de “centro novo”.<sup>9</sup> Este espaço progrediu entre 1940 e 1960, atraindo não somente universidades e livrarias, como estabelecimentos de luxo localizados, principalmente, nas ruas Marconi e Barão de Itapetininga. A Marconi era a sede das livrarias Teixeira, outrora dos irmãos Teixeira<sup>10</sup>, e Jaraçuá, de Alfredo Mesquita; a Barão era considerada como uma das ruas mais prestigiosas e seletas de São Paulo: ficava a quatrocentos metros da Praça Ramos, endereço da Mappin (a maior loja de departamento da cidade), onde se sediava a Folha de S. Paulo, da Confeitaria Vienense, das livrarias Parthenon, de José Mindlin, e Brasiliense, de Caio Prado Jr. Tanto a Francesa como a Duas cidades seguiram esse processo de transformação, tendo em vista que ambas iniciaram suas atividades no centro velho e depois mudaram-se para o centro novo. A primeira, instalou-se na Barão de Itapetininga, 275, e a segunda teve seu principal endereço na Bento Freitas, 158, a aproximadamente um quilômetro do Mackenzie, da PUC, da ELSP e da USP, então localizada na rua Maria Antônia.

Além de compartilharem esse espaço, a Francesa e a Duas Cidades se construíram como estabelecimentos de referência para o público intelectual paulistano, por conseguirem compor um acervo de livros conectado com o espírito de modernização do pensamento brasileiro, o qual dialogava com a produção internacional.<sup>11</sup> Daí que, ao lado da dinâmica cultural e intelectual da metrópole, enfatizamos, neste artigo, o surgimento e desenvolvimento das livrarias a partir do setor de importações, levando em conta que ambas foca-

<sup>7</sup> Ver IUMATTI, Paulo Teixeira. *Arte & trabalho: aspectos da produção do livro em São Paulo (1914-1945)*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2016, p. 48.

<sup>8</sup> ANDRADE, Olímpio de Souza. *O livro brasileiro: desde 1920*. 2. ed. Rio de Janeiro-Brasília: Cátedra/INL, 1978. A primeira edição foi publicada pela editora Paralelo, em 1974.

<sup>9</sup> ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fapesp/Studio Nobel, 2003, p. 192 e 193.

<sup>10</sup> Para mais informações sobre a livraria Teixeira, ver QUINTA, Hugo. Garraux e os irmãos Teixeira: os livreiros-editores da pauliceia finissecular. *Tempos Históricos*, v. 23, Marechal Cândido Rondon, 2. sem. 2019.

<sup>11</sup> Referimo-nos à formação das universidades brasileiras, a partir dos anos 1930, e de outras instituições, como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Estas instituições fomentaram debates sobre a formação nacional brasileira, com destaque para as questões relacionadas ao desenvolvimento econômico e social.

ram suas atividades sobretudo na aquisição de livros estrangeiros desde que foram fundadas.

O setor de livros importados foi beneficiado pelas medidas de abertura econômica do país na segunda metade do século.<sup>12</sup> Essas mercadorias foram isentas de impostos aduaneiros e mecanismos de operação cambial, o que, na prática, funcionou como verdadeiros subsídios.<sup>13</sup> Os empresários e entidades do mercado nacional reagiram a essa realidade durante toda década de 1950, impelindo o governo a cancelar o benefício. Foi durante essa década que diversas livrarias importadoras surgiram<sup>14</sup>, especializando-se na comercialização de livros de diferentes nacionalidades. A Livraria Francesa, como o nome já indica, e a Duas Cidades surgiram como referências de livros importados da França. As trajetórias delas possuíam características particulares nesse âmbito, as quais serão abordadas no decorrer deste artigo. Por ora, interessa-nos expor em que circunstâncias a atuação dessas livrarias articulou-se com o comércio livreiro paulistano.

As importações de livros no Brasil foram dominadas abertamente pelas mercadorias francesas até a década de 1920.<sup>15</sup> Desse momento em diante, os Estados Unidos tornaram-se um concorrente fundamental no comércio importador brasileiro. Essa disputa foi fruto da emergência estadunidense como potência mundial após a I Guerra, pois a ascensão político-econômica do país acompanhou uma ofensiva de difusão cultural, na qual o livro era um instrumento estratégico dessa política. A II Guerra impôs o bloqueio comercial com a França ocupada e, por sua vez, a interrupção de abastecimentos de livros oriundos desse território. A partir de 1944, as relações comerciais foram retomadas e, aos poucos, o mercado editorial francês reprogramou sua posição internacional para atender o público leitor.<sup>16</sup>

No que tange ao preço e ao perfil dos livros importados, a França foi um dos países que assumiu a dianteira na exportação de títulos para o Brasil entre finais do século XIX e até a primeira metade do século XX, começando a perder o primeiro lugar para os Estados Unidos durante os anos 1950: em 1953, o Brasil comprou 260.779 quilos de livros dos Estados Unidos e 278.647 quilos da França, porém no ano seguinte a situação se inverteu e o país adquiriu 500.338 quilos dos Estados Unidos e 333.330 quilos da França.

O Brasil era um mercado prioritário dos franceses, tanto pelo histórico de relações culturais quanto pelo seu potencial de consumo. A intelectualida-

<sup>12</sup> Cf. PRADO JR., Caio. *Diretrizes para uma política econômica brasileira*. Tese (Cátedra) – USP, São Paulo, 1954.

<sup>13</sup> Cf. HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 572.

<sup>14</sup> A exemplo das livrarias Parthenon, Mestre Jou e Loja do Livro Italiano.

<sup>15</sup> Isso não exclui a importância das mercadorias portuguesas que, pelo histórico das relações metrópole-colônia, estiveram na base do desenvolvimento do mercado brasileiro, especialmente no século XIX. No entanto, a sistematização de dados de importação de livros no Brasil, disponível de 1902 em diante, demonstra a configuração de uma hegemonia francesa no setor: na primeira década contabilizada, a França deteve mais de 50% desta praça, mantendo-se na casa dos 40% até 1920. No mesmo período, Portugal foi o segundo maior país de origem dos livros importados com participação média de 25%. Dados disponíveis em HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 848 e 863. A situação se configura a partir de variáveis econômicas, políticas e culturais que conduziram as elites brasileiras a buscar a referência cultural francesa como aporte para a construção de seus padrões de pensamento e comportamento, em alguns casos, inclusive, como afirmação de uma identidade nacional frente à nação colonizadora. Sobre o tema, ver LUCA, Tania Regina de e VIDAL, Laurent. *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora Edunesp, 2009.

<sup>16</sup> Cf. MOLLIER, Jean-Yves. *Edição, imprensa e poder na França no século XX*. São Paulo: Editoras FAP/Unifesp e Edusp, 2015, p. 218.



de brasileira também nutria o interesse por essa retomada. Em São Paulo, a dinâmica metropolitana apontava para um potencial centro de recepção de livros importados no sentido econômico e cultural, na medida em que o referencial francês se mantinha como um elemento enraizado nas instituições de ensino e na formação de um público especializado<sup>17</sup> – dos setores tradicionais da elite intelectual ao público de classe média, passando por grupos políticos e religiosos.

A Francesa e a Duas Cidades foram fundadas em meio a essa realidade de retomada das importações francesas que se articulavam ao perfil dos circuitos culturais de São Paulo e ao impulso ocorrido pelo seu crescimento urbano. Paul-Jean Monteil e Frei Benevenuto estiveram entre os indivíduos que tomaram iniciativas para desenvolver as atividades da metrópole cultural. Ambos circularam nos ambientes intelectuais e culturais paulistanos e assumiram o ofício de livreiros como uma atividade econômica, animada por seus laços de sociabilidade e interesses pessoais pela cultura e pela produção intelectual.

Paul Monteil, imigrante francês, engenheiro do grupo Rhodia, mantinha relações com o Partido Comunista do Brasil (PCB) e suas redes de propaganda e cultura. Frei Benevenuto, membro da Ordem Dominicana, tinha como meta difundir as ideias religiosas progressistas, sobretudo do movimento Economia e Humanismo (EH), cujo expoente máximo era o dominicano francês Louis-Joseph Lebet.<sup>18</sup> Monteil e Frei Benevenuto eram conhecidos antes de fundarem as livrarias e, com trajetórias próprias, construíram suas respectivas posições como mediadores culturais<sup>19</sup> da capital paulista. Ao transitarem entre a França e o Brasil eles traziam livros, jornais e outros periódicos para um público especializado, e em São Paulo organizaram as livrarias não apenas como espaços de vendas e consumo de livros, mas igualmente como locais de encontros dos grupos intelectuais e dos jovens estudantes em formação.

No auge do comércio livreiro no centro da cidade, essa era a função compartilhada pela maioria dos estabelecimentos. Como notam os pesquisadores do livro, as configurações espaciais das livrarias demarcavam o público que pretendiam atingir. As maiores lojas não restringiam os tipos de obras comercializadas e construíam espaços cercados por prateleiras com o objetivo de promover a alta rotatividade da clientela, enquanto as livrarias de pequeno e médio porte eram geralmente frequentadas por um público universitário, e sua espacialidade incentivava a permanência dos leitores nos estabelecimentos.

<sup>17</sup> Sobre o assunto ver ARANTES, Paulo. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana: uma experiência nos anos 60*. São Paulo: Paz & Terra, 1994, e CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil, das origens a 1964*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

<sup>18</sup> Sobre Louis-Joseph Lebet (1897-1966) e seu movimento Economia e Humanismo, ver ANGELO, Michelly Ramos de. *Louis-Joseph Lebet e a SAGMACS: a formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil*. São Paulo: Almedina, 2013, BOSI, Alfredo. *Economia e humanismo. Estudos Avançados*, v. 26, n. 75, São Paulo, 2012, e GODOY, José Henrique Artigas de. Dom Helder Câmara e Louis-Joseph Lebet: desenvolvimentismo e práxis progressista católica nas décadas de 1950 e 1960. *Dados*, v. 63, n. 1, Rio de Janeiro, 2020.

<sup>19</sup> Sobre mediadores culturais, ver GOMES, Angela de Castro Gomes e HANSEN, Patricia Santos. Apresentação – intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela de Castro Gomes e HANSEN, Patricia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

A Livraria Duas Cidades era uma loja de médio porte onde “havia mesas para que os clientes [pudessem] consultar as obras antes de comprá-las; [e] o proprietário [...] ‘recebia a clientela para longas conversas sobre livros’”.<sup>20</sup> Tal como a Freitas Bastos, que tinha “‘uma sala dos amigos da livraria’, onde os frequentadores podiam fazer reuniões e consultar obras de referência; a Jaraguá, [com sua] sala de chá, e a Brasiliense, [que] realizava em seus salões exposições de artistas europeus”.<sup>21</sup> A Livraria Francesa possuía suas poltronas de leitura e uma galeria de exposições, onde figuraram artistas como Flexor e Di Cavalcanti.<sup>22</sup> O acolhimento de leitores especializados não excluía a circulação de um público mais amplo, interessado nos livros, nas conversas e mesmo nos encontros com intelectuais de renome entre as prateleiras.

Investigamos o contexto histórico do “centro-novo” de São Paulo e das importações de livros nesse período para examinar como a Francesa e a Duas Cidades fizeram parte da dinâmica da economia do livro na metrópole cultural. A história de ambas, bem como a trajetória de seus fundadores, revela a formação de circuitos intelectuais, de afinidades teóricas, políticas e intelectuais para a constituição de instituições, e de um pensamento paulistano com alcance nacional. A seguir discutiremos como os livros franceses eram uma oportunidade de atuação no mercado do livro, tanto pelas questões de incentivo econômico como pela ressignificação dos referenciais estrangeiros na formação dos círculos intelectuais que envolviam as duas livrarias em tela.

### Uma Livraria Francesa na São Paulo dos anos 1950

Não é possível traçarmos uma história do comércio de livros importados em São Paulo e de sua dinâmica urbana sem passarmos pela referência de um de seus principais estabelecimentos em fins do século XIX. Por volta de 1860, em torno da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, estabeleceu-se a loja de Anatole-Louis Garraux, uma casa importadora que se tornou, em poucos anos, uma verdadeira livraria ao estruturar seu catálogo com base em publicações francesas no setor jurídico e literário, de acordo com a grade de formação dos bacharéis daquela Faculdade.<sup>23</sup> Sua atividade comercial acompanhou toda a transformação do “burgo de estudantes” para a metrópole do café a partir do setor de importações. O francesismo da elite do país, a parca estrutura de nosso setor editorial e o tradicional aporte às importações beneficiavam a recepção dessas obras vindas da França e a afirmação de Garraux como um livreiro francês exponencial na cidade.

Remetemo-nos a essa história pregressa, pois, ao abordarmos da fundação da Livraria Francesa, em 1947, devemos nos perguntar sobre as condições para o (re)aparecimento de uma livraria especializada em mercadorias francesas dentro dos circuitos de circulação do livro em um complexo cultural paulistano, na segunda metade do século XX. A Livraria Garraux foi, por mui-

<sup>20</sup> GONÇALVES, Martin Fernando de Araújo., *op. cit.*, p. 22. O autor não menciona o endereço da Duas Cidades; possivelmente se tratava da sede na rua Bento Freitas, n. 158, onde a livraria esteve de 1968 a 2006.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 22 e 23.

<sup>22</sup> Cf. Anúncios em Acervo Estadão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1952 e 2 out. 1952.

<sup>23</sup> Cf. DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 280-282 e 303-327.

tas décadas, a livraria francesa de São Paulo; ainda que não se chamasse assim, era conhecida por essa alcunha. De 1930 em diante foi perdendo seu prestígio sob o impacto da dinamização do mercado e das transformações econômicas e culturais da cidade, até fechar definitivamente suas portas em 1935.<sup>24</sup>

Pouco mais de uma década após o encerramento das suas atividades, que parecia marcar a decadência do livro francês no mercado brasileiro<sup>25</sup>, Paul Jean Monteil e sua esposa Juliette Sabourault inauguraram um empreendimento de características muito semelhantes. Quais fatores socioeconômicos abriram espaço para essa iniciativa e para que ela fosse bem-sucedida? Como a Livraria Francesa se converteu, nos anos 1950, um dos principais espaços do comércio de livros importados e, ao mesmo tempo, um lugar de encontros e iniciativas intelectuais em torno do livro na capital paulista?

A metropolização vivida por São Paulo foi responsável, internamente, pela reativação do comércio livreiro na cidade e, dessa dinâmica interna, para o exterior, renovaram-se os interesses de seus círculos intelectuais pela produção editorial francesa. Vivia-se um período de crescimento econômico, devido à entrada de capitais e mercadorias estrangeiras, e de otimismo político acarretado pelo fim da ditadura do Estado Novo. Nessas circunstâncias, economicamente, a concentração de recursos na capital paulista favoreceu iniciativas e projetos culturais diversos em favor do desenvolvimento do patrimônio cultural do estado através de sua metrópole. Socialmente, os intelectuais de São Paulo estavam inseridos no debate nacional sobre as possibilidades de desenvolver o Brasil de forma democrática e autônoma, em linha de sintonia com questões internacionais sobre as quais a intelectualidade francesa conseguiu firmar uma importante referência.<sup>26</sup>

Constituiu-se, assim, uma nova dinâmica para a comunidade<sup>27</sup> cultural e intelectual paulistana, ativando a partir dela alguns circuitos econômicos de seu espaço urbano. É nesse contexto que Paul e Juliette Monteil decidiram abrir a sua Livraria Francesa. Os recursos do investimento provieram da rescisão contratual de Paul Monteil na indústria Textillia, pertencente ao grupo Rhodia, na qual trabalhara desde sua chegada ao Brasil em 1937. O casal originário de Lyon, França, e viera de Paris motivados pela expectativa de uma vida melhor fora da Europa, que vivia um clima de tensão com a ascensão do nazifascismo. Quando questionado sobre a mudança de país, Monteil afirmou: “Foi para fugir da psicose da guerra! Eu vivia angustiado e não aguentava mais viver na Europa”.<sup>28</sup>

Essa percepção resultou deslocamentos do continente europeu para outras partes do mundo.<sup>29</sup> Contrariando familiares e amigos, o casal Monteil decidiu se aventurar neste país distante, como diziam as pessoas de seu en-

<sup>24</sup> Cf. MACHADO, Ubiratan. *Pequena história das livrarias brasileiras*. Cotia: Ateliê, 2009, p. 63 e 64.

<sup>25</sup> Cf. MARCHETTI, Fabiana. Importações de livros franceses no Brasil: apontamentos para uma história da Livraria Francesa de São Paulo. *Revue Étudiante des Expressions Lusophones*, n. 3, Paris, 2019, p. 121 e 122.

<sup>26</sup> Para mais informações, ver FOUICHE, Pascal. *L'édition française depuis 1945*. Paris : Editions du Cercle de la Librairie, 1998.

<sup>27</sup> Ver CANDIDO, Antonio. A literatura na evolução de uma comunidade. In: *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

<sup>28</sup> No Brasil, o editor Monteil realiza o sonho da juventude. Entrevista concedida a Maria Antonieta D'Alkmin, sem identificação. Recorte de jornal encontrado no Arquivo Pessoal de Silvia Monteil.

<sup>29</sup> Ver MARTINS, Ana Luiza. Presença imigrante francesa no Brasil: entre visões do paraíso e mercados de trabalho. In: LUCA, Tania Regina de e VIDAL, Laurent, *op. cit.*, p. 37.

torno. Não aportaram aqui despreparados e nem sem referências. Paul Monteil veio preparado para ocupar o posto de diretor comercial na Textillia, uma posição de prestígio com remuneração suficiente para garantir uma vida confortável, como a que desfrutou durante a primeira década vivida no Brasil.

A demissão de Paul Monteil, até certo ponto, surpreendeu-o, colocando a necessidade, ou possibilidade, de reorientar a organização da família em São Paulo. A surpresa se deveu ao fato de a demissão do engenheiro se dar após uma denúncia da polícia política do Dops sobre a sua participação em uma célula comunista dentro da fábrica.<sup>30</sup> No prontuário em seu nome, descobrimos que ele se vinculava às redes clandestinas do Partido Comunista do Brasil (PCB): Monteil era amigo de Roque Trevisan, operário da Textilia, também demitido, e cultivou relações constantes com os círculos intelectuais e culturais do PCB que influentes na capital paulistana. As datas apresentadas pelos arquivos do Dops – que o vigiava desde 1944 – demonstram que Monteil se integrou rapidamente à política local, possivelmente por seus interesses pessoais e por seu contato anterior com a esquerda francesa e sua vida cultural. Afinal, “Monteil era um homem que tinha participado do Front Populaire”.<sup>31</sup>

Esse olhar sobre o mundo o direcionou para certos espaços dinâmicos da cidade. O depoimento de Monteil para a polícia revela que ele era frequentador das livrarias paulistanas, de atividades no Teatro Municipal, das dependências dos jornais e outros meios de propaganda comunista. Fora dos círculos do PCB, foi uma figura reconhecida por seu espírito erudito e suas iniciativas modernas: “Em uma dessas idas à livraria [dos irmãos Del Picchia], conheci o Monteil – que era aquele engenheiro francês, nascido em Lyon. E ele tinha uma característica, pra você ter uma ideia... Naquela época não tinha gasolina, mas ele era o único que tinha um gasogênio! Naquela bate-papo ali, todo mundo se igualava”.<sup>32</sup>

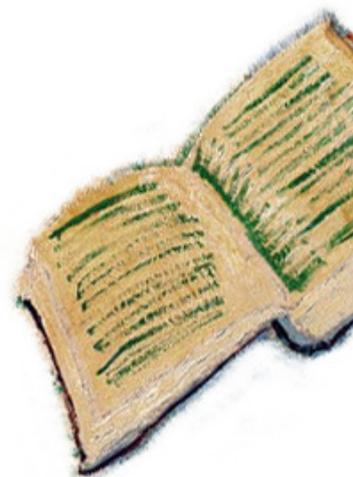
As palavras de Jacó Guinsburg denotam o perfil de um homem de esquerda que cultivava relações mais amplas que as dos companheiros de partido. Esse círculo político é fundamental para compreendermos sua decisão em trabalhar com os livros. Entre os membros mais ativos do PCB naquela época, tínhamos nomes como Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Milton Cayres Brito e outros militantes ou apoiadores que vinham de uma formação de referência francesa. Na verdade, nos círculos desse núcleo intelectual, a França nunca saiu do horizonte de um modelo de pensamento humanista e mesmo da tradição marxista, já que o mercado editorial francês era o mediador por excelência do marxismo – principalmente, de textos em alemão e em russo – para os países de língua latina.

Esse grupo, além de estar dentro do Partido Comunista, participou do movimento de dinamização cultural da metrópole a partir do teatro, da música, do cinema, das belas-artes e da tradição universitária que se consolidava na cidade. A referência francesa, ainda ligada ao pertencimento dessa geração a uma elite econômica e intelectual da cidade, disseminou-se em iniciativas de

<sup>30</sup> Cf. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo do Departamento de Ordem Política e Social (Dops-SP). Prontuário 19.030. Paul-Jean Monteil.

<sup>31</sup> Jacó Guinsburg. Entrevista concedida a Fabiana Marchetti. São Paulo, 18 jan. 2017.

<sup>32</sup> *Idem*.



modernização e ampliação do acesso à educação e à cultura próprias desse contexto. Para além da Faculdade de Filosofia da USP, que carregava marcadamente o legado de uma “missão”<sup>33</sup> fundadora, a Cinemateca Brasileira, a Escola de Artes Dramáticas, os grupos da vanguarda teatral, os museus – Masp e MAM – ainda dialogavam com a experiência desses intelectuais no exterior, notadamente com instituições, grupos políticos e círculos culturais conectados com a França.

Tal dinâmica ativou setores econômicos como casas de espetáculos, galerias de arte, indústria gráfica, cinematográfica e comércio, no qual se destacou a proliferação de livrarias, como já mencionamos. Importar livros que interessassem a esse público, não apenas ao setor da vanguarda, mas à cidade como um todo, era uma via possivelmente promissora para um casal que desejava mudar de vida e permanecer em uma realidade à qual havia se integrado. E falamos em casal porque, se os recursos provinham da atividade profissional de Paul Monteil, vemos nas memórias de ambos que a livraria atendia à ideia de redirecionar a existência familiar para um projeto compartilhado por ambos: “Então eu vou dizer primeiro que cheguei aqui em 37 [...] tinha só uma boa cultura [...], mas não tinha nenhum diploma universitário. Graças a meu marido, que me deu muita força, eu consegui com ele, depois da guerra de 44, 39-44, fundar uma livraria, francesa”.<sup>34</sup>

As atividades se iniciaram em 1947, nas dependências de uma sala da Rua Benjamin Constant, n. 77, 4º andar, ainda no “centro velho”. Apesar da relativa decadência ocasionada pela expansão urbana da cidade, atravessando o Anhangabaú em direção à Praça da República, continuavam ali livrarias e sebos importantes, alguns cinemas, a velha Faculdade de Direito, pertencente à USP. O início dos negócios ocorria, então, em uma área integrada a tradicionais circuitos de cultura, mas com aluguéis menos exorbitantes.

Nesse momento, as importações da livraria também eram modestas. Paul e Juliette relembavam das primeiras remessas de livros vindas na bagagem de Paul Monteil, que foi diretamente a Paris contatar fornecedores. Além disso, os registros dos livros-caixa da empresa mostram os primeiros passos desse comércio transnacional e o perfil dos fornecedores que abasteciam a sala da Benjamin Constant. Todos os nomes listados eram de editoras comunistas ou, simplesmente, editoras resistentes, surgidas no movimento editorial clandestino da França durante a ocupação nazista (1940-1944).<sup>35</sup> Tais empresas estavam à frente do processo de retomada do mercado editorial na época, desde os processos de avaliação política das ações colaboracionistas até a retomada dos órgãos estatais para a promoção do livro nacionalmente e no exterior.<sup>36</sup>

Em 1947, as exportações de livros franceses não haviam se reestabelecido de forma sistemática devido aos abalos causados pela guerra. Desse modo, o interesse e contato de Monteil com as redes comunistas devem tê-lo beneficiado na aproximação com as editoras engajadas. A origem francesa era

<sup>33</sup> Cf. ARANTES, Paulo, *op. cit.*

<sup>34</sup> Juliette Monteil. Entrevista concedida ao Grupebraf (Grupo de pesquisa Brasil-França) do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, atualmente em preparação para publicação.

<sup>35</sup> As principais eram Editions de Minuit, Editions d’Hier et Aujourd’hui e Bibliothèque Française.

<sup>36</sup> Cf. MOLLIER, Jean-Yves., *op. cit.*, p. 245.

outro ponto relevante para a montagem de uma livraria especializada que se realizaria como espaço de mediação cultural entre França e Brasil. No mercado francês, os Monteil eram recebidos como empreendedores nacionais, vivendo no exterior e agindo em prol desse mercado e suas ideias. Em São Paulo, possuíam um capital social e cultural que os legitimaria para introduzir as mercadorias estrangeiras nos circuitos econômicos e sociais da cultura paulistana e, mais adiante, brasileira.

O obstáculo maior para o sucesso da livraria seria firmá-la em um momento histórico no qual a cultura de massas, e mesmo a cultura universitária e de outros espaços intelectuais, via avançar a hegemonia da produção estadunidense.<sup>37</sup> A Livraria Francesa poderia se constituir, evidentemente, como apenas mais um pequeno estabelecimento especializado, direcionada para um nicho restrito de interessados – até mesmo, tradicionais e antiquados – contudo o que vemos em sua história foi o seu desenvolvimento comercial e cultural de grande alcance e modernizador, no que diz respeito às novidades trazidas dos meios franceses.

No fim de 1949, a Livraria Francesa mudaria de endereço para uma loja de 800 m<sup>2</sup> no térreo de uma galeria na Barão de Itapetinga, 275. Seu estoque, nesse ano, era de 17.786 livros e passaria, nos anos seguintes, a 41.534. Para os padrões das livrarias da época, equivalia a um estabelecimento de grande porte, especializado na importação do livro francês.<sup>38</sup>

Além da disponibilidade de livros, a localização demonstrava maior capacidade de investimentos para constituir um verdadeiro ponto de referência da produção editorial francesa em São Paulo. A Barão de Itapetinga era uma das ruas mais cobiçadas do “centro novo”, com seus cafés, galerias de arte e outras livrarias de referência. Ela concentrava lojas modernas, voltadas ao consumo da elite, ao lado de edifícios comerciais que abrigavam atividades de profissionais liberais e outros pontos de comércio para os segmentos médios. Em seu entorno se situava a Rua 7 de Abril, onde se instalavam dos Diários Associados, a primeira sede do Masp e do MAM, a Praça D. José Gaspar, com destaque para a sede da Biblioteca Municipal e outros endereços de expressão da vida cultural paulistana. Logo ali, em direção à Vila Buarque e nos arredores da Rua da Consolação e da Rua Maria Antônia, estavam as instituições de formação secundária e do ensino superior que mobilizavam a vida estudantil e seus círculos de agitação intelectual e política.

Nota-se que, no alvorecer da década de 1950, Paul e Juliette Monteil instalaram sua livraria em um dos eixos dinâmicos da cultura na metrópole paulista. Integravam-se, assim, nesse amplo circuito econômico, político e social, que ainda guardava traços elitistas, mas que se desenvolvia a partir da ascensão das classes médias e de um consumo massas.<sup>39</sup> O mercado de livros importados passou a compor esse cenário, por vezes contraditório, de uma

<sup>37</sup> Cf. ANDRADE, Olímpio de Souza, *op. cit.*, p. 153.

<sup>38</sup> Comparação baseada em dados de GONÇALVES, Martin Fernando de Araújo, *op. cit.*, p. 34, 39 e 41. Nesse levantamento a Loja do Livro Italiano, por exemplo, dispunha de um acervo de 10.000 livros.

<sup>39</sup> Não podemos deixar de lado o fato de que um processo de metropolização como o vivido por São Paulo sempre gera desigualdades e exclusões; contudo, assistia-se a um crescimento econômico que, com suas contradições, induzia a criação de uma sociedade mais complexa. A concentração populacional colaborava para que, ao menos em termos absolutos, houvesse um aumento do nível de vida, do consumo e da democratização de espaços de formação e produção cultural. Ver MORSE, Richard, *op. cit.*, p. 313.

cidade, e de um país, que ainda lutava para erradicar o analfabetismo e que, ao mesmo tempo, via crescer de maneira inédita um público leitor médio e especializado. O aprendizado de línguas estrangeiras fazia parte do currículo do ensino secundário e, naquilo que envolvia mais de perto o interesse da Livraria Francesa, o francês se conservava como idioma obrigatório nas escolas. Havia um público em formação que mantinha a França como um referencial estrangeiro para a cultura, reforçado, no imediato pós-guerra, com a ideia de vitória de um pensamento humanista e universal sobre a barbárie nazista.<sup>40</sup>

Economicamente, as importações brasileiras de livros foram favorecidas pela política de abertura às mercadorias e investimentos estrangeiros, fazendo com que, até fins da década de 1950, o livro importado obtivesse imensa vantagem em relação ao nacional. Quando Paul Monteil foi à França buscar fornecedores, em 1947, os organismos franceses começavam a planejar o estreitamento de contatos com os mercados internacionais, tratando o livro como um dos instrumentos fundamentais de sua política de relações exteriores.<sup>41</sup>

O crescimento da Livraria Francesa carregava elementos dessa realidade; contava com a entrada de investidores franceses na sociedade de Paul e Juliette Monteil e aumento de capital significativo registrado na alteração contratual de 1950<sup>42</sup>, o que nos permite identificar a origem dos recursos para a formação de um estoque robusto. A partir desse momento, as editoras comunistas e resistentes continuavam a constar nos registros de fornecimento de livros, embora deixassem de ser as principais fornecedoras, perdendo espaço para editoras tradicionais como Gallimard, Albin Michel, Presses Universitaires de France e o conglomerado Hachette.

As mercadorias francesas estavam nas vitrines e prateleiras de outras livrarias não especializadas, porém a Francesa era o espaço por excelência desses livros, primeiramente em São Paulo e, em seguida, no interior do estado e em outras regiões do país. Em seus registros contábeis<sup>43</sup>, verificam-se grandes transações com as principais instituições de ensino e cultura em São Paulo, como a Universidade de São Paulo e a Biblioteca Municipal. Avançando em seu funcionamento, vemos que ela atendia à constituição de bibliotecas de escolas e faculdades em outros municípios. Além das comercializações institucionais, as vendas no varejo eram constantes e registravam os nomes de muitos professores – com esse título de distinção em suas compras. Percebe-se, portanto, a existência de um público fiel marcado pela expansão da rede de escolarização paulista e brasileira, de nível básico e superior.

<sup>40</sup> O processo da Resistência interior, liderado pelo PCF, e o movimento da França Livre, encabeçado pelo General De Gaulle, alcançaram ressonância internacional por meio de seus escritores e de sua produção editorial. Esse fenômeno evocava uma retomada da imagem positiva da França junto aos países latino-americanos.

<sup>41</sup> As discussões para a retomada do mercado internacional pós-1945 levaram à criação da Comissão Nacional para o Livro Francês no Exterior, organismo sob responsabilidade do Ministère des Affaires Étrangères, que discute estratégias para o livro sob uma perspectiva diplomática. O tema é objeto da pesquisa de doutorado de Fabiana Marchetti – em andamento – apoiada em MOLLIER, Jean-Yves. *Edição, imprensa e poder na França no século XX, op. cit.*, e HAUSER, Claude, LOUÉ, Thomas e VALLOTTON, Jean-Yves Molliere François (orgs.). *La diplomatie par le livre: réseaux et circulation internationale de l'imprime de 1880 à nos jours*. Paris: Nouveau Mondes, 2011.

<sup>42</sup> Cf. Arquivo Administrativo da Livraria Francesa, *Alteração Contratual de 1950*. São Paulo, 21 jul. 1950.

<sup>43</sup> Cf. *idem*, *Livros-Caixa para os anos de 1947-1957*.

Dessa maneira, a Livraria Francesa foi criada e se consolidou em um momento de convergência de interesses entre um mercado francês em busca de expansão e um mercado brasileiro apoiado nas mercadorias importadas. O contexto de efervescência cultural e intelectual em São Paulo fez com que o casal Monteil encontrasse um ambiente propício para se desenvolver no comércio livreiro. Suas trajetórias pessoais, como vimos, os aproximava dessa realidade e reforçavam as condições favoráveis para o surgimento de uma nova Livraria Francesa na metrópole paulistana. Uma livraria que guardava historicamente a memória da saudosa Casa Garraux, mas que renovava os laços e os interesses da cultura brasileira com a produção francesa de uma nova época.

Os membros mais ativos da comunidade intelectual, cultural e artística da cidade queriam se valer da referência de uma França que possuía intelectuais críticos ao capitalismo e poderiam firmar uma via alternativa aos padrões estrangeiros que se impunham através do imperialismo estadunidense. Entre as gerações que conviviam no espaço urbano de São Paulo e na Livraria Francesa, debatiam-se os temas internacionais que atingiam o Brasil. O que se pretendia lendo obras estrangeiras era pensar a nação e sua importância no cenário mundial: “as livrarias eram muito importantes [para a nossa formação], porque eram o ponto de comunicação com o exterior; [isso] não era tão simples como hoje”.<sup>44</sup>

Nas palavras de Fernando Henrique Cardoso, frequentador da livraria quando ainda era um jovem estudante e professor, vemos o reconhecimento desse espaço de contato e de construção de uma plataforma de diálogo nos circuitos internacionais de circulação de ideias.<sup>45</sup> O fortalecimento dos circuitos internos também era uma realidade, pois a Livraria Francesa possuía espaços de leitura e até uma galeria de exposições, uma configuração comum a outras lojas da cidade que funcionavam como parte deste complexo cultural paulista. Ali os intelectuais, de diversas idades e estágios de formação se encontravam e, por intermédio dos livros, alimentavam novas relações para o desenvolvimento da produção local.

A Livraria Francesa organizava seu estoque com base nas disciplinas universitárias – da literatura à medicina –, todavia os dados de seu inventário de livros<sup>46</sup> definiam um perfil literário e humanista para o catálogo. O elemento político que perpassou sua fundação e o posicionamento pessoal de Paul Monteil permaneciam através dessa característica e dos frequentadores. Durante a ditadura militar, a Francesa era vigiada pela polícia política, constando registros de algumas intervenções em suas dependências<sup>47</sup>, e o próprio Monteil teve de se ausentar de São Paulo por cerca de um ano por questões políticas. Como relembrou Marco Antonio Tavares Coelho, dirigente do PCB nessa época, o casal Monteil o recebia em diversas situações em que passava pela

<sup>44</sup> Fernando Henrique Cardoso. Entrevista concedida a Fabiana Marchetti. São Paulo, 12 fev. 2019.

<sup>45</sup> Sobre a circulação de ideias no âmbito internacional, ver BOURDIEU, Pierre. *Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 145, Lyon, dez. 2002.

<sup>46</sup> Ver Arquivo Administrativo da Livraria Francesa. *Inventário de mercadorias, 1949-1973*.

<sup>47</sup> A título de exemplo, o livro de Carlos Marighella *Pour la libération du Brésil*, editado pela Editions du Seuil, fez com que o gerente da Livraria Francesa fosse obrigado a prestar depoimento ao Dops.



capital paulista<sup>48</sup>; e Di Cavalcanti, perseguido pelo regime, ficou escondido no sítio da família nos anos 1960.

O funcionamento da Livraria Francesa e a direção imprimida pelo casal Monteil a seu espaço e às suas mercadorias especiais, os livros, revelam-nos sua participação na constituição de um circuito comercial e de mediação cultural em São Paulo. As relações França-Brasil impulsionaram uma atividade comercial, no setor de importações, e a recepção da produção intelectual e de debates internacionais em várias áreas do saber, com destaque às ciências sociais e humanas. Desse modo, a trajetória dos livreiros se afirmou como uma referência de mediação nas relações intelectuais do público paulistano, em primeira instância, e brasileiro, na medida em que as atividades da livraria chegaram a extrapolar a capital paulista.

Ficam evidentes nessa história os caminhos de mediação, porém eles só foram possíveis pelo enraizamento do casal Monteil na sociedade que os acolheu. Daí que as condições para a (re)fundação de um empreendimento que difundia a cultura francesa em São Paulo eram aquelas que favoreciam a entrada de uma referência estrangeira, e não um modelo<sup>49</sup>, para o desenvolvimento da formação e produção local.<sup>50</sup> Os indivíduos dessa vanguarda intelectual almejavam sua autonomia e, ao mesmo tempo, desejavam dialogar com o exterior, sabedores de que as questões relativas ao desenvolvimento da sociedade, economia e política no Brasil estavam, mais do que nunca, conectadas a um sistema mundial.

Na segunda metade do século XX, a intelectualidade paulista pretendia se afirmar. É significativo, portanto, que a Livraria Francesa surgisse em São Paulo, devido às características particulares desta cidade em seu desenvolvimento como uma metrópole econômica e cultural. Elas não poderiam se generalizar como uma experiência brasileira, mas integraram e expressaram, sem dúvida, um processo geral de modernização de instituições de formação e da produção de um pensamento brasileiro, nos anos 1950 e 1960, que passou pelo crescimento dos centros urbanos no Brasil, seus momentos de agitação política e pela presença dos livros e da leitura como ferramenta dinamizadora de relações econômicas e sociais.

A Livraria Francesa teve diversos momentos prestigiosos, como a presença de Jean-Paul Sartre, em 1960, para realizar uma tarde de autógrafos, ano em que também recebeu o padre Louis-Joseph Lebreton para uma tarde de autógrafos<sup>51</sup> do livro *Suicídio ou sobrevivência do Ocidente?*, obra traduzida por Frei Benevenuto e publicada pela Livraria Duas Cidades.

<sup>48</sup> Ver COELHO, Marco Antônio Tavares. *Herança de um sonho: as memórias de um comunista*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 282.

<sup>49</sup> A hierarquia histórica da ação cultural francesa não deixa de ser um fator de peso para a manutenção desse referencial. Os meios intelectuais brasileiros, em que pesem sua consciência crítica e o desejo de se descolar dos modelos eurocêntricos, continuavam suscetíveis a essa construção histórica ao reorganizarem as condições de recepção dos debates internacionais e a sua centralidade no debate interno.

<sup>50</sup> Paul Monteil investiu em atividades editoriais, fundando a editora Difusão Europeia do Livro (Difel) em 1951.

<sup>51</sup> Ver À procura de uma civilização autêntica. *Folha de S. Paulo*, Folha Ilustrada, 4 set. 1960, p. 4.

## A Livraria Duas Cidades como difusora da vanguarda católica francesa (1954-1969)

Partimos do personagem chamado José Petronilo de Santa Cruz para apresentar o trabalho que ele desenvolveu à frente da Livraria Duas Cidades nos anos 1950 e 1960. Nascido em 1918 num engenho localizado em São Luís do Quitunde, interior do estado de Alagoas, José passou a adolescência na capital pernambucana, depois ingressou na Ordem dos Dominicanos e iniciou sua trajetória religiosa em 1938, quando escolheu o nome de Frei Benevenuto e mudou-se para França com o propósito de estudar Filosofia e Teologia no Convento de Saint-Maxmin. Ele retornou para o Brasil em princípios dos anos 1940 e durante a década de 1950 tornou-se representante do movimento Economia e Humanismo em seu país. Foi em razão de sua ligação com o padre Leuret e com a vertente progressista da Igreja que Frei Benevenuto se envolveu no mundo dos livros.

A fundação da Livraria Duas Cidades, que era igualmente editora, é possível de ser analisada à luz das seguintes circunstâncias: a multiplicidade de linguagens e projetos culturais que ecoavam na cidade de São Paulo da década de 1950; o contexto político nacional dos anos 1960; o círculo social no entorno de Frei Benevenuto de Santa Cruz; sua liderança no movimento Economia e Humanismo; suas incursões no ambiente artístico da capital paulista; e suas primeiras experiências como livreiro-editor na condução do Centro de Difusão de Revistas Dominicanas e na edição de livros pela Sociedade Amigos do Livro (SAL). Embora este artigo não seja o lugar adequado para tratarmos dos trabalhos desenvolvidos pelo frade, convém salientar que ele se baseou nessa experiência para convencer o provincial da Ordem Dominicana a fundar uma livraria especialmente voltada à intelectualidade, à Ação Católica<sup>52</sup> e à juventude católica paulistana<sup>53</sup>, ao passo que a editora montou um catálogo que contemplou obras de religiosos franceses e brasileiros, muitos dos quais faziam parte de uma linha progressista do pensamento social, teológico e filosófico da Igreja Católica.

A fim de examinar o contexto de fundação da Livraria Duas Cidades em 1954, exploramos alguns aspectos do Brasil e de São Paulo nos anos 1950, quando o país e a metrópole vivenciavam transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. O crescimento da cidade provocou a ascensão das elites, das camadas médias e do número de livrarias na cidade, ao mesmo tempo que os dominicanos ganhavam terreno no tecido social brasileiro e paulistano, muitos deles influenciados pelos dominicanos progressistas franceses.<sup>54</sup> As ações e o pensamento do padre Louis-Joseph Leuret (1897-1966) na metrópole conquistaram corações e mentes de jovens acadêmicos ligados (direta ou indiretamente) ao catolicismo<sup>55</sup>, como os que participavam do grupo Economia e Humanismo (EH) e da Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Apli-

<sup>52</sup> Sobre a Ação Católica, ver AZZI, Rioldo e GRIJP, Klaus Van der. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 517-519.

<sup>53</sup> Sobre a juventude católica, ver SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984.

<sup>54</sup> Cf. PIC, Claire. *Les dominicains de Toulouse au Brésil (1881-1952): de la mission a l'apostolat intellectuel*. Thèse (Doctorat en Histoire) – École doctorale TESC/Université Toulouse II-Le Mirail, Toulouse, 2014.

<sup>55</sup> Cf. SOUZA, Luiz Alberto Gómez de., *op. cit.*, p. 115.

cada aos Complexo Sociais (SAGMACS).<sup>56</sup> E Frei Benevenuto foi um dos grandes articuladores das ideias lebrebianas no Brasil, havendo presidido inclusive I Congresso Internacional de Economia Humana, evento que fez parte da programação do IV Centenário da cidade de São Paulo.

Esse ano foi marcante para a história da metrópole, do movimento EH e do frade. Em dezembro de 1954, ele fundou a Duas Cidades com a meta de vender e publicar livros que divulgassem o pensamento social católico.<sup>57</sup> Com a criação do estabelecimento e a participação da Ordem nos negócios da empresa até 1972, avaliaremos o perfil das importações e do público frequentador e leitor das obras comercializadas na livraria.

O nome da empresa foi inspirado em *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, que concebeu a urbe como um local a possibilitar a comunhão dos homens na Terra.<sup>58</sup> A obra do teólogo e filósofo medieval aborda as contradições e as possibilidades de encontro entre o que chamou de cidade de Deus e cidade dos homens, defendendo que ambas deveriam servir como um espaço de confraternização dos seres humanos. E foi justamente a interface entre os planos espiritual e terreno o espírito que guiou a Livraria Duas Cidades até o momento em que Frei Benevenuto aposentou a batina, em 1972, quando ficou conhecido como Professor Santa Cruz, comprou as ações dos dominicanos e tornou-se proprietário da empresa desde meados da década de 1970 até 1997, ano de seu falecimento.

Neste artigo procuramos evidenciar que a Cidade de Deus era uma livraria dirigida por um religioso e frequentada por uma clientela formada por agentes e leitores que transitavam entre os campos da cultura, da religião, da intelectualidade e das universidades cristãs e leigas. Examinamos as características da livraria por meio de artigos de jornais e de relatórios que Frei Benevenuto produziu para as reuniões dos dominicanos, muitos dos quais mencionavam as importações das obras francesas que abasteciam as bibliotecas conventuais e o acervo da livraria. Boa parte desses livros eram publicados pelas Éditions du Cerf, Éditions du Cèdre, Éditions du Seuil e Éditions Ouvrières – esta foi a responsável pela publicação da revista *Économie et Humanisme* fundada por Lebre.<sup>59</sup>

Durante os anos 1950 e 1960, essas editoras propagaram o pensamento progressista do catolicismo dos filósofos cristãos Jacques Maritain e Emmanuel Mounier, bem como dos teólogos dominicanos Humbert Clérisac, Pierre Bernadot, Yves-Marie-Joseph Congar, entre outros autores de peso na disseminação de ideias discutidas no Concílio Vaticano II. Ocorrido entre 1962 e 1965, o encontro eclesial deliberou sobre o ecumenismo, a liberdade religiosa e litúrgica e outras questões que propunham renovar o catolicismo.

Quanto aos documentos<sup>60</sup> disponíveis sobre a fundação da Livraria Duas Cidades, a simples leitura das fontes pode sugerir que a criação da em-

<sup>56</sup> Sobre a SAGMACS, ver ANGELO, Michelly Ramos de, *op. cit.*

<sup>57</sup> Cf. AZZI, Rioldo e GRIJP, Klaus Van der, *op. cit.*, p. 500 e 501.

<sup>58</sup> Cf. MASSI, Augusto. Revisitando Duas Cidades. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 68, São Paulo, dez. 2012, p. 24.

<sup>59</sup> Ver ALBARIC, Frère Michel e MIGNON, Jacques. L'édition religieuse en France. In: FOUCHÉ, Pascal (dir.). *L'édition Française: depuis 1945*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 1998, p. 304.

<sup>60</sup> Disponíveis em Arquivo da Livraria Duas Cidades; Arquivo dos Frades Dominicanos; e Arquivo da Jucesp.

presa decorreu de problemas eminentemente jurídicos. Todavia, se analisarmos mais a fundo a relação entre os documentos e o itinerário de Frei Benevenuto no universo da intelectualidade e da cultura religiosa e secular, concluiremos que o surgimento da loja extrapolou a burocracia e alcançou as ações de um frade aberto à propagação da leitura, da cultura e do pensamento católico progressista. Sua formação intelectual, suas experiências no mundo livreiro e suas relações com personalidades como João Cabral de Melo Neto, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Alceu Amoroso Lima, Ciccillo Matarazzo, Carlos Pinto Alves, Dom Helder Câmara, Frei Carlos Josaphat, Padre Le Bret, Emmanuel Mounier e Ernest Bloch comprovam a rede de sociabilidade estabelecida pelo frade com intelectuais, religiosos e personalidades progressistas do Brasil e da Europa.

O trânsito do religioso em diferentes grupos sociais nos aproxima das condicionantes que possibilitaram a criação da livraria e editora, do perfil dos leitores que frequentavam a loja e compravam os livros franceses importados. Entre 1954 e 1972, a Livraria Duas Cidades enfrentou os altos e baixos da política e da economia nacional, superou as peias impostas por setores da Ordem, da Igreja e do crescimento urbano de São Paulo e da ditadura militar brasileira, a exemplo dos policiais do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo que invadiram o estabelecimento, em 1969, por causa do envolvimento de Carlos Marighella com dois frades que trabalhavam na livraria.<sup>61</sup> Frei Benevenuto removeu todos os obstáculos ao delinear e executar um projeto coerente com suas ideias e com o pensamento vocalizado por parcelas expressivas do catolicismo e do laicato francês e brasileiro.

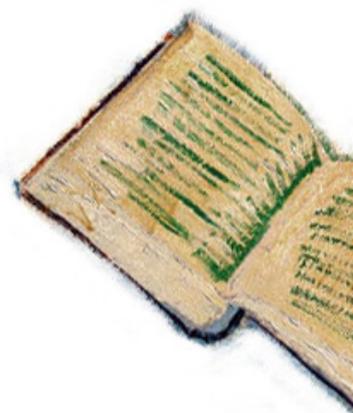
Foi durante a primeira metade do século XX que as primeiras livrarias católicas funcionaram precariamente, com sérias dificuldades na distribuição de livros no território nacional. Dentre as congregações religiosas presentes no Brasil, os franciscanos lideraram esse setor tanto na parte editorial quanto livreira, fundando livrarias em diversas capitais do país. Já os salesianos instituíram suas livrarias para a venda das edições destinadas aos alunos de seus colégios, onde instalaram lojas próximas às suas escolas, como ocorreu em Niterói e em São Paulo. Na medida em que não se vendiam muitos livros e outros tipos de publicações nas livrarias religiosas, muitas congregações utilizavam suas lojas para vender outros artefatos cristãos. Embora essas características pudessem ser facilmente replicadas para as livrarias de quase todas as ordenações católicas, “os dominicanos fundaram em São Paulo a livraria Duas Cidades para a difusão de um pensamento cultural mais aberto: ‘Colaboraria tanto para a aquisição como para a divulgação de obras específicas e inacessíveis no mercado nacional’, [assim] escreve [Frei Alexandre] Oscar Lustosa”.<sup>62</sup>

Quando Frei Benevenuto datilografou uma carta<sup>63</sup> destinada ao vigário provincial dos dominicanos, Sébastian Tausin, em 28 de dezembro de 1954, explicando as razões de criação da livraria e editora, ele já havia protocolado o instrumento particular de constituição da Livraria Duas Cidades na Jucesp,

<sup>61</sup> Cf. FREI BETTO. *Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

<sup>62</sup> *Apud* ALBARIC, Frère Michel e MIGNON, Jacques, *op. cit.*, p. 460.

<sup>63</sup> Informação disponível no Arquivo da Província Frei Bartolomeu de Las Casas. Pasta Livraria Duas Cidades.



em 16 de dezembro daquele ano. Por mais que essa atitude possa parecer um detalhe irrelevante, a Ordem não permitia que os sacerdotes tivessem bens em seus nomes, assim como seus dons pessoais deveriam ser doados para a vida religiosa e seus atos deviam seguir as leis da congregação. Mesmo diante dessas determinações, o religioso fundou a casa incluindo seu nome civil como um dos sócios. Em outras correspondências presentes no arquivo dos dominicanos abrigado em Belo Horizonte, o frade anunciara sua intenção de fundar a empresa para continuar os trabalhos desenvolvidos no Centro de Difusão de Revistas Dominicanas e nas Edições SAL.

Tão logo a Livraria Duas Cidades entrou em operação, sua sede principal, entre 1954 e 1968, foi na Praça da Bandeira, 40; nos três primeiros anos funcionou no 13º andar do edifício, ao lado do escritório da SAGMACS, e depois no 7º andar do mesmo prédio. Frei Benevenuto também abriu uma sucursal da livraria no centro de Belo Horizonte, a qual existiu entre 1958 e 1961, e fomentou um pequeno serviço de vendas nas portarias dos conventos São Tomás de Aquino (Rio de Janeiro) e Santo Alberto Magno (São Paulo) e na Escola Apostólica de Juiz de Fora. O estabelecimento permaneceu no prédio da Praça da Bandeira até agosto de 1968, quando se mudou para uma sala comercial localizada no andar térreo do prédio situado na rua Bento Freitas, 158, onde se manteve em funcionamento até 2006.

Como o foco deste artigo é o período religioso da Duas Cidades, trazemos à baila os três<sup>64</sup> relatórios escritos por Frei Benevenuto sobre a situação da livraria, todos dirigidos às reuniões provinciais da Ordem Dominicana realizadas em 1960, 1963 e 1967. O primeiro “Relatório ao Capítulo Provincial de julho de 1960 sobre a Livraria Duas Cidades” é o mais relevante pela quantidade de informações e posições manifestadas nas onze páginas datilografadas. As primeiras laudas abordam o “Centro de assinatura de revistas dominicanas”, trecho em que o frade esboçou um resumo de suas atividades no setor livreiro e editorial antes da fundação da sociedade comercial. Já no segundo item do relatório, “a atual Livraria Duas Cidades”, ele relatou a dificuldade de importação de livros imposta pelo Banco do Brasil a partir de janeiro de 1955, ao proibir encomendas estrangeiras em nome de pessoa física, razão pela qual o religioso providenciou o registro da empresa para continuar sua experiência de oito anos no centro de importação e assinatura de revistas religiosas.

Depois de explicar os motivos de a empresa ser criada em seu nome civil, dos problemas societários nesses anos e da transferência de suas cotas para a Sociedade Impulsionadora da Instrução (SII, pertencente à Ordem Dominicana), Frei Benevenuto declarou que solicitou, em maio de 1960, o aumento de capital na Jucesp, informando que esse crescimento decorria dos lucros da Duas Cidades. Relatou ainda que a livraria conseguiu abrir algumas sucursais apesar das altas quotas de importação de livros estabelecidas pelo governo brasileiro.

Em seguida, o religioso destacou que o serviço de vendas nos conventos não era lucrativo para a Livraria Duas Cidades. Posteriormente discorreu sobre os fatores que dificultavam o bom andamento desse negócio: os livros

---

<sup>64</sup> Todos disponíveis no Arquivo da Província Frei Bartolomeu de Las Casas. Pasta Livraria Duas Cidades.

importados eram caros, os encarregados das vendas concediam vultosos descontos, os custos da distribuição dos livros para outras cidades eram elevados e, além do mais, pesava o longo prazo de amortização dos títulos encomendados. Acrescentou que a venda era reduzida para a maioria dos livros e a manutenção de um baixo estoque nas filiais desfalcava a livraria, onde as vendas eram geralmente rápidas e garantidas. De toda forma, o frade estava convicto de que valia a pena disponibilizar obras que poderiam auxiliar na formação dos frequentadores dos conventos e da escola. Ele afirmava que, a despeito de “(condições desfavoráveis de importação, pessoal interno [pouco] capacitado cultural e comercialmente, localização desfavorável, etc.), a Livraria [está] em fase de plena expansão”.

O livreiro enunciou que o aumento dos custos de importação impactou na assinatura das revistas – de 2.000, entre 1956 e 1958, passou para menos de 800, em 1960. Por outro lado, garantia que a venda de livros era consistente, a ponto de a livraria conseguir manter seu estoque sem ser prejudicada financeiramente. Em sua opinião, o bom resultado conquistado podia ser mensurado pela “clientela selecionada” que frequentava a loja, mencionando que as pessoas que se dirigiam à livraria, pessoalmente ou por carta, não compravam obras “reconhecidamente medíocres, sem valor intelectual ou espiritual. [...] Outro aspecto positivo é a orientação que se proporciona a pessoas de todos os Estados do país através de uma selecionada lista de novidades recebidas, [...] distribuída periodicamente pela Livraria, em mil exemplares”, atingindo as dioceses, os seminários, os conventos e as universidades católicas brasileiras. Para o frade, a sede da livraria era um local estratégico para os dominicanos: sua tática era não comercializar “livros integristas, reacionários ou simplesmente neutros (isto é, que não trazem ao assunto nenhum progresso doutrinário ou [...] perspectiva de pesquisa positiva)”. E acrescentava que a Duas Cidades era um local de trabalho para os padres dominicanos viverem de seus próprios rendimentos.

Frei Benevenuto defendeu a coerência do estabelecimento com a missão e a função da Ordem. Tal orientação fazia com que a livraria fosse bem-sucedida na sua ação “junto tanto a leigos quanto a padres já ordenados e em ministério, a clérigos em período de formação e mesmo a alguns Bispos”. Essas pessoas iam pessoalmente à livraria para comprar “o melhor livro sobre determinado assunto”. Mais adiante ele defendeu a ampliação da livraria:

*É nesse “espaço” que está atualmente em jogo – e que estará ainda por muitos anos, 10, 20 ou 50 – a passagem (deixando de lado os aspectos puramente profanos ou culturais) de um pensamento religioso (ponto capital para os clérigos brasileiros em período de formação nos seminários e conventos) rotineiro, tradicional e sentimentalmente infantil para uma fase consciente, reflexiva e viril. Trabalhar na informação e orientação dessa passagem é uma tarefa da Ordem do Brasil de hoje, exatamente como foi tarefa da Ordem no seu início, influir na passagem de uma repetição incompetente da Doutrina Sagrada para uma reflexão (com os instrumentos intelectuais da época) sobre o mundo a partir da Doutrina Sagrada. A importância e urgência dessa missão tornam-se patentes quando se analisa a distância entre a estrutura do pensamento religioso (e os meios de divulgação e exposição de que se serve) no Brasil de hoje e a evolução global do país (indústria, técnica, transportes, ciências, ensino, etc.).*

Este extenso relatório é um vestígio das linhas mestras da empresa gerida e pensada por Frei Benevenuto. Graças a ele é possível aferir o quanto o frade valorizava a atividade livreira e editorial para a Ordem e para a cultura brasileira. Ele sabia que a propagação de obras com esse perfil ainda não era realizada por nenhuma outra livraria ou editora religiosa, o que o fazia crer que os dominicanos não poderiam ser omissos nesse trabalho que promoveria a congregação junto à sociedade. Tal relato era uma convocação para seus superiores se envolverem no crescimento e planejamento tanto da livraria quanto da editora, cuja existência poderia empregar padres e espriar um pensamento progressista cristão ao publicar e revender obras de autoria dos dominicanos e de outras congregações.

Em 19 de outubro de 1963, o livreiro enviou a Frei Mateus Rocha outro “Relatório sobre a Livraria Duas Cidades”, ocasião que relatou dois episódios ocorridos depois da última reunião provincial. Referiu-se à elevação do capital da livraria e o fechamento da sucursal mineira em 1961, porque os déficits mensais impossibilitavam sua recuperação: “Toda a instalação, móveis e parte do estoque foram liquidados em Belo Horizonte e a maior parte do estoque de livros franceses foi transferida para São Paulo”. Depois de apresentar o lucro líquido da empresa em 1961 e 1962, concluiu o relatório esclarecendo que a taxa de câmbio daquele ano provocou a diminuição da importação de livros e revistas.

O último “Relatório sobre a Livraria Duas Cidades” foi redigido por Frei Benevenuto em 24 de junho de 1967. Logo de saída ele tratou da elevação do capital da empresa e da aquisição da nova sede na rua Bento Freitas, 158, “com loja, sobreloja, 300m<sup>2</sup>, pelo preço de NCr\$103.660,00. A compra, realizada em 10 de agosto de 1966, foi feita a prazo, devendo a última prestação ser paga em 15 de julho de 1968”. Mais adiante, o frade comentou que havia uma tendência de aumentar as encomendas de títulos estrangeiros, e por isso planejava um programa de expansão das importações. Prosseguiu apresentando o novo “Serviço de Distribuição de Livros Franceses, atendendo [livrarias] de Fortaleza, Recife, Salvador, Curitiba, Uberaba e Porto Alegre. No momento, a importação é feita diretamente de 25 editoras francesas, 1 suíça e 1 belga, e indiretamente de duas casas exportadoras francesas”. Também expôs sobre as encomendas de Portugal entre 1965 e 1967. Na sequência comentou que no início daquele ano “a Livraria Duas Cidades organizou [...] uma Exposição de Livros Franceses de Cultura Religiosa em São Paulo e Belo Horizonte e vai realizar no segundo semestre, a mesma Exposição no Rio de Janeiro”. E concluiu informando sobre os valores gastos com a importação de livros para a biblioteca do convento das Perdizes entre 1963 e 1967.

Esses relatórios revelam as habilidades do livreiro e as características fundantes da livraria. Por meio dessas fontes identificamos dificuldades de planejamento da empresa, como atesta a breve existência da filial em Belo Horizonte. Não obstante, a exitosa importação de livros talvez tenha sido o que mais sobressaiu nos quinze primeiros anos de existência da casa, sobretudo à época de aumento da tarifa cambial. Por outro lado, os três relatórios demonstram a abertura promovida por Frei Benevenuto no campo da cultura, tendo em vista que o frade deixou claro qual deveria ser o papel desempenhado pelos dominicanos na comercialização e edição de livros que servissem aos cléri-

gos em formação, aos jovens leigos da Ação Católica e a outros setores da sociedade.

Embora Frei Benevenuto não haja fornecido maiores detalhes sobre a nova sede, sabemos que esta foi instalada no andar térreo de um edifício residencial. Também sabemos que ela foi concebida pelos prestigiosos arquitetos e *designers* João Carlos Cauduro e Ludovico Martino, responsáveis por projetarem um espaço com características modernistas. A contratação desses profissionais diferenciados é mais um indício da abertura do religioso para a contemporaneidade. Frei Benevenuto era um padre capaz de proferir uma palestra sobre a “Influência da religião no desenvolvimento social e econômico”<sup>65</sup>, como a que pronunciou no anfiteatro da Faculdade de Medicina de São Paulo, ao mesmo tempo em que anunciava a comercialização de revistas francesas pela Livraria Duas Cidades<sup>66</sup>, importava e publicava livros e dirigia o grupo de EH e a SAGMACS.

As múltiplas frentes de atuação do religioso devem ser analisadas levando em consideração os laços que o prendiam aos dominicanos, ao padre Lebret e ao movimento Economia e Humanismo. Assim como somente compreendemos seu trabalho como livreiro em função das relações que ele estabeleceu com diversos agentes do campo político e cultural de São Paulo, do Brasil e da França, fatores que explicam o horizonte vanguardista da livraria, um foco de irradiação<sup>67</sup> e renovação<sup>68</sup> da mentalidade cristã.

Ao trilhar esse caminho a Duas Cidades se tornou um estabelecimento cultural produtor e revendedor de obras (notadamente as importadas da França) importantes para a formação de jovens, universitários e pensadores católicos ou seculares que abriam seus campos de percepção para as correntes progressistas da política e do catolicismo nacional e estrangeiro. Nessa toada, a livraria dirigida por Frei Benevenuto serviu como um espaço de sociabilidade para esses segmentos da sociedade adquirirem livros de um catolicismo social avançado, cujo aporte influenciou a intelectualidade, os padres e os universitários de diversas localidades do país.

### São Paulo e a venda de livros importados nas livrarias Francesa e Duas Cidades

Em síntese, a abertura de livrarias na área central de São Paulo representou estar no entorno de universidades que investiram na área de humanidades. Esse é um indício de como o comércio de livros poderia atender um público especializado de leitores, a exemplo do que aconteceu com as livrarias Francesa e Duas Cidades, entre outras que foram frequentadas por religiosos ou por professores e alunos que mais tarde publicaram suas teses e dissertações por muitas das livrarias que também foram editoras.

<sup>65</sup> Frei Benevenuto fará conferência religiosa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1962, p. 9 (única fonte que encontramos sobre tal exposição).

<sup>66</sup> Assinaturas de revistas francesas - Livraria Duas Cidades. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, 12 dez. 1968, p. 2.

<sup>67</sup> Cf. Frei Carlos Josaphat. Entrevista concedida a Hugo Quinta. São Paulo, 11 set. 2018.

<sup>68</sup> Cf. Frei Betto. Entrevista concedida a Hugo Quinta. São Paulo, 26 jul. 2019.

O avanço do comércio de livros na capital paulista acompanhou o crescimento urbano, cultural, industrial e social da cidade durante os anos 1950 e 1960. Se o intenso processo de industrialização da capital paulista viabilizou a construção de uma robusta estrutura gráfico-editorial, o fomento de equipamentos socioculturais permitiu a constituição de bibliotecas, livrarias, museus e instituições de ensino na região. Como que num círculo virtuoso, muitos dos intelectuais que estudaram no centro de São Paulo tinham o hábito de comprar livros, depois se tornaram professores e começaram a publicar seus estudos e a formar uma geração de universitários que iam às mesmas livrarias para adquirir obras nacionais ou importadas.

A Francesa talvez tenha sido a grande concorrente da Duas Cidades. Ambas estavam situadas na mesma localidade e eram as principais casas importadoras de livros franceses. A primeira centrou seu comércio primeiramente no pensamento marxista francês e posteriormente diversificou os tipos de obras comercializadas provenientes da França, a ponto de tornar-se a livraria com maior acervo de livros franceses fora do seu país de origem até os anos 1990. A segunda especializou-se em vender obras religiosas do pensamento católico progressista até 1972, período em que a Ação Católica, o Concílio Vaticano II e outras iniciativas progressistas da Igreja Católica impeliram Frei Benevenuto a importar numerosos títulos franceses do campo da filosofia, da teologia e de outras ciências que dialogavam com um catolicismo defensor de uma sociedade mais justa, plural, humana, democrática e ecumênica.

As livrarias de Paul Monteil e Frei Benevenuto deram continuidade ao trabalho de Anatole Louis Garraux e seu estabelecimento vincado na Pauliceia da segunda metade do Oitocentos. A Francesa e a Duas Cidades guardavam muitas afinidades entre si. Uma delas era que ambas atendiam um público universitário e intelectual cristão ou leigo (parte das redes de militância de esquerda de antes ou durante os anos da ditadura militar). E outra é o fato de as duas livrarias conformarem-se como importadoras e irradiadoras do pensamento francês no Brasil, influenciando gerações de religiosos, professores, estudantes e intelectuais de São Paulo e de outras partes do país que eram clientes desses estabelecimentos.

Francesa e Duas Cidades estiveram entre as poucas livrarias que mantiveram suas respectivas sedes no centro de São Paulo a partir dos anos 1970. A despeito das mudanças causadas pelo crescimento urbano e econômico da capital paulista e do progressivo abandono do centro da cidade por parte das autoridades, as duas continuaram nessa região e contribuíram para a formação da juventude universitária e da intelectualidade que frequentavam esses espaços para trocarem ideias com seus amigos e colegas e adquirirem mais livros para suas leituras e bibliotecas pessoais.

*Artigo recebido em 13 de dezembro de 2022. Aprovado em 15 de abril de 2023.*